

# **A apuração de um crime secular**

**Autora: Renata Soltanovitch**

**Registrado biblioteca Nacional – Registro n. 578.357, livro  
1.104 – folha 431**

## **A apuração de um crime secular**

### Prefácio.

Quando morremos, viramos mais um corpo inerte no cemitério e após poucas gerações, não mais seremos sequer lembrados nesta terra e por mais ninguém. Nossos corpos serão removidos para desocupar aquela tumba, após serem roídos pelas bactérias que compõe nosso próprio organismo. Elas não se importaram qual foi seu cargo enquanto vivo, pois impetuosas, mastigaram sua carne podre e roeram seus ossos. Mas quando um crime incomoda o jovem delegado de polícia, faz com que a morta seja lembrada diariamente, até que seu suspeito seja preso e o inquérito concluído.

## **A apuração de um crime secular**

Aquele quadro à óleo, pintado sobre a tela, contendo a fisionomia da mulher triste e, no fundo, um sol encoberto por nevoeiros, dividindo os tons das cores, de forma marcante, quase um estilo asbrato-informal, como se faltasse ainda elementos naquela tinta e colocando em dúvidas se o principal da obra era apenas a figura da mulher ou o quadro em si, pendurado na parede da Delegacia, incomodava o jovem e charmoso delegado Mário. A sensação que ele tinha era que aquela mulher constantemente vigiava seus passos.

No entanto, como era Delegado recém-empossado e o trabalho constante na Delegacia era intenso, Mário não tinha tempo para refletir sobre a imagem da mulher que, embora triste, era bela.

Um dia, após exaustivo trabalho que perdurou a madrugada inteira em decorrência de um flagrante policial, Mário olhou aquela figura e perguntou para o escrivão chefe, lotado naquela Delegacia há mais de vinte anos, quem era a tal mulher triste e bela.

Paulo, o escrivão, disse que a pintura estava lá desde que ele chegou e que alguns diziam que ela era protetora da Delegacia, outros que ela era o único caso que o delegado Gilmar, aposentado há mais de vinte anos, não havia resolvido e que ele pendurara tal imagem, como forma de não se deixar esquecer o quanto era falível, deixando uma família com a dor de uma morte sem resposta.

Aquela história ficou na cabeça do delegado Mário por semanas, quando então decidiu retirar a pintura da parede para constatar no seu verso a declaração da família daquela morta

a explicação do inconformismo da ausência da pista.

A declaração era para o delegado Gilmar, na qual a família dizia que a dedicação dele em tentar resolver o caso, já confortava, um pouco, a família da morta.

O caso era lendário dentro da Delegacia. Todos que haviam passado ali conheciam a imagem e ninguém ousava tirá-la de lá.

Segundo Paulo, o escrivão, a mulher morta se chamava Maria Eduarda. Uma jovem linda e pobre, morta com facadas por alguém que a conhecia, segundo indícios desvendados no decorrer da investigação.

O que mais estranhava a todos é que as facadas foram todas de frente e Maria Eduarda não reagiu, embora fosse mestre de capoeira, cuja luta era utilizada pela mão de obra escrava.

Dizia a lenda que muitos homens tinham medo de Maria Eduarda, e nas rodas de capoeira, ela não era derrubada por ninguém, nem por aquele que se dizia ser o mais esperto. Suas esquivas eram precisas, o que fazia que nenhum golpe lhe atingisse. Seu olhar atento e sua visão de águia fazia com que o mais ligeiro dos jogadores, quando menos esperava, fosse golpeado com um martelo de chão, armada ou mesmo um gancho.

Realmente a morte de Maria Eduarda era um mistério. Citada como uma lenda!!!

Os dias foram passando e embora a pintura de Maria Eduarda continuasse ali, o delegado Mário não mais pensava no caso.

Mário era um delegado acima da média. Nasceu para fazer aquilo. Rapaz tranquilo, educado e atento, seus 1,90 metro de altura assustavam

quem entrasse na delegacia, mas sua voz suave acalmava qualquer vítima em estado de apuros.

Praticante de Tzedacá, seus atos eram sempre de generosidade e de bondade com qualquer pessoa que entrasse na Delegacia. Mesmo com arma na cintura e chegando na Delegacia sempre com sua moto potente, sua feição era de cordialidade.

Para trabalhar naquele ambiente hostil, mantinha a crença em três pilares fundamentais, quer eram a relação entre o homem e o Criador, entre os homens e consigo mesmo e que a oração diária objetivava a conexão com tudo isto.

Um dia, por determinação judicial, o delegado Mário precisou acompanhar a exumação de um corpo em um dos cemitérios mais antigos<sup>1</sup> e

---

<sup>1</sup> Conforme o site [saopauloantiga.com.br](http://saopauloantiga.com.br), o cemitério mais antigo de São Paulo se chama Colônia e fica em Parelheiros. Ele surgiu em 1827, com o terreno doado pelo próprio imperador D. Pedro

belos de São Paulo, um incrível museu a céu aberto. Durante a exumação daquele corpo, um túmulo, com uma bela obra de arte, chamou a atenção de Mário, principalmente quando viu que no mausoléu havia uma foto de uma bela jovem.

Surpreendeu-se ao ver que se tratava de Maria Eduarda, morta aos trinta e quatro anos de idade, há mais de vinte anos.

Aproximou-se do túmulo e ficou ali parado por mais de meia hora, quando então o seu investigador o chamou para acompanhar a retirada do caixão daquele que seria objeto da exumação.

Ao retornar à delegacia, Mário não parava de pensar em Maria Eduarda e pediu ao seu escrivão localizar o inquérito que apurava a sua

---

I, ou seja, ele é mais antigo que o cemitério da consolação, inaugurado em 1858

morte e que se encontrava no porão dos arquivos mortos daquele lugar.

Após alguns dias, o escrivão Paulo, por ser mais experiente, conseguiu localizar o inquérito. Porém, as notícias não eram boas. Por conta do tempo decorrido e por várias enchentes que a delegacia sofrera, a caixa onde o inquérito estava guardado encontrava-se mofada e o tal procedimento ainda estava comido pelos ratos que havia no porão.

Lamentavelmente era impossível a sua integral leitura, exceto sobre uma informação solta de que ela teria uma miniatura de Santo Antoninho de metal enterrado no próprio corpo!

Mário decidiu então ir até a funerária da Prefeitura para saber se havia algo nos obituários daquela época.

Depois de muita procura, descobriu que realmente a única coisa que havia sido arquivada era a certidão de óbito com a informação de que havia sido vítima de facadas.

Mário anotou os dados do médico legista que havia feito o laudo na época e constava do inquérito e então ligou para seu amigo André que trabalhava no IML.

André era amigo de Mário desde os tempos de colégio e ele nunca conseguiu entender porque seu amigo André, o primeiro da turma, gostava tanto de trabalhar no IML, acompanhando necropsias e redigindo para os médicos legistas, os laudos cadavéricos.

André ainda era responsável em limpar os corpos após as necropsias e ajudava a funerária a vesti-los. Ele trabalhava com o legista Márcio<sup>2</sup>, um homem religioso, um ser humano acima da

---

<sup>2</sup> Aquele mesmo do conto Elias, o criminalista do passado

média e este contato fazia André se sentir melhor. Ele sempre brincava com os amigos, dizendo da necessidade de sempre, qualquer que fosse o motivo, sair de casa bem arrumado e principalmente com as roupas íntimas limpas e inteiras, pois nunca se sabe se o seu dia terminaria em um hospital ou no IML (ou para os mais otimistas com uma boa companhia).

De qualquer maneira, Mário foi ter com ele, para verificar a possibilidade de encontrar algum indício do motivo da morte de Maria Eduarda.

André prometeu ajudar Mário e sua primeira dica foi contatar um velho e grande amigo, mestre de capoeira, para saber se conhecia a história de Maria Eduarda, já que se tratava de uma mulher capoeirista, o que era bem raro pela época.

Com a resposta positiva, ambos foram ao encontro do tal mestre de capoeira.

Depois de terem uma aula sobre os fundamentos da capoeira e a diferença entre um capoeirista e um jogador de capoeira, o tal mestre contou a lendária história de Maria Eduarda, morta há mais de vinte anos a facadas de tucum, com seu patuá no bolso e um lenço preso no pescoço, embora fosse uma das melhores mulheres capoeiristas que já existiu. Era um crime sem explicação.

Além de ser uma excelente capoeirista, Maria Eduarda era uma mulher de muita fé. Acreditava em orixás e a eles pedia proteção. Não tirava seu patuá do bolso, qualquer que fosse a roupa vestida. Tinha seu corpo fechado pela proteção de seus guias.

Após estas informações minuciosas, o delegado Mário saiu do encontro com a “pulga atrás da orelha”, sem ter nada esclarecido e resolveu ir

novamente ao cemitério averiguar o túmulo de Maria Eduarda.

Passou horas ali e um pouco antes de escurecer, próximo ao horário de fechamento do cemitério, uma bela moça se aproximou da lápide de Maria Eduarda, deixando flores.

Ao ver o delegado Mário, sorriu e então ambos iniciaram uma conversa sobre o tempo, a beleza do lugar e de como havia morcegos naquele cemitério quando a noite se aproximava.

Mal a bela moça concordou com o belo rapaz, Mário, como delegado, já iniciou um interrogatório, querendo saber da tal jovem, se conhecia a história de Maria Eduarda.

Com a resposta positiva, marcaram no mesmo lugar um encontro para o dia seguinte, e a moça se afastou, levando consigo mais flores, sob o

argumento que havia outros túmulos para visitar.

Apesar do trabalho na Delegacia ser alucinador, o delegado Mário passou o dia ansioso para o encontro com a bela jovem, pois havia algo nela que o encantara.

Obviamente Mário tinha noção que se porventura desvendasse o crime da morte de Maria Eduarda, seus autores ou estariam também mortos ou muito velhos para responder um longo processo criminal.

Mas a curiosidade e a admiração pelo delegado aposentado Gilmar, somados ao encantamento daquele misterioso encontro no cemitério, fez com que o jovem delegado Mário, mesmo com inúmeros inquéritos para relatar e crimes para solucionar, cumprisse com a sua presença.

O encontro no cemitério ocorreu um ponto antes do seu fechamento, mas como uma tempestade se aproximava, o delegado Mário e a moça deram início a uma conversa quase que no escuro, sentados no túmulo de Maria Eduarda.

Desta vez, a bela moça se apresentou com o nome apenas de Maria – nome comum, mas tão belo como ela. O delegado Mário mal conseguia ouvir suas palavras, pois naquele momento, a flecha do cupido já havia acertado em cheio o seu coração.

Aquele encontro foi tão confuso, que o próximo marcado pela própria Maria, após dois dias, no mesmo lugar, sequer foi objeto de impugnação por parte do delegado Mário.

Os dias transcorreram e os encontros foram aumentando, mas sempre no cemitério. Maria dizia a ele que como trabalhava ali até tarde da

noite, ajudando na limpeza dos corpos e nos velórios, não poderia marcar em outro lugar.

O delegado Mário foi aceitando os convites de Maria para aqueles encontros no cemitério, até porque seus finais de semana se resumiam aos plantões na Delegacia ou em relatar inúmeros inquéritos, pois como já havia constatado o aumento dos crimes cada vez mais intensos na cidade e as pessoas cada vez mais perversas, seu trabalho não tinha fim.

Em um destes encontros, Maria iniciou sua explicação para o delegado Mário sobre as expiações que as pessoas passavam no planeta Terra. Da necessidade de se cultivar um Deus interior e, ainda, da busca entre o corpo, a mente e a alma.

Os dias foram mais uma vez passando e os encontros cada vez mais perfeitos e envolventes,

embora todos eles no cemitério, mais precisamente no túmulo de Maria Eduarda.

Em cada encontro, Maria contava algo diferente sobre Maria Eduarda, e o que mais intrigava o delegado Mário, é que ela sempre usava um lenço de seda preso no pescoço.

Maria soltava as informações sobre Maria Eduarda na medida em que o delegado Mário perguntava. O fato é que se as informações fossem passadas de uma só vez, o jovem delegado não mais voltaria para vê-la.

Dizia Maria que buscara tais informações com amigos e parentes de Maria Eduarda, além de informações em documentos localizados nos arquivos secretos do cemitério.

Embora o delegado Mário ficasse desconfiado de algumas informações, já estava completamente apaixonado por Maria e seus encontros exóticos

no cemitério deixavam-na com ar de mistério, o que fazia com que Mário, o delegado, se sentisse cada vez mais motivado.

Em um destes encontros, Maria entregou a Mário um patuá (uma espécie de símbolo de guarda, de proteção) e pediu para que ele sempre guardasse em seu bolso, para que o universo pudesse protegê-lo.

O delegado Mário o guardou e foi embora para a Delegacia. A noite seria longa, pois iniciava seu plantão e sabia que nas duas próximas semanas, não teria condições de ir ao cemitério encontrar com sua amada e bela Maria. A polícia estava trabalhando em um caso muito sério, envolvendo tráfico de mulheres, o que o tornaria não só incomunicável, mas apenas disponível para o trabalho.

Em uma destas madrugadas entre um flagrante e outro, e a saudade de Maria que lhe apertava o

peito, o delegado Mário retirou do bolso o patuá e imediatamente lhe veio na memória a informação de que Maria Eduarda era uma das melhores mulheres capoeiristas e que havia morrido com facadas no coração, mas com o patuá no bolso e o lenço preso no pescoço.

Imediatamente o delegado Mário ligou para seu amigo André – àquele do IML e que apresentou o tal mestre de capoeira – pois aquela frase lembrou algo dito no encontro. Porém, antes que a ligação se completasse, o delegado Mário foi chamado para sair com a viatura para uma ocorrência envolvendo uma modelo, morta a facadas, atingindo o seu coração, tendo como suspeito o seu namorado.

Colocou novamente seu patuá no bolso e em frações de segundos, lembrou do caso de Maria Eduarda e da coincidência do crime, pois foi informado que a tal modelo estava com um lenço de seda preso no pescoço, o que impediu que o

tal namorado lhe cortasse a cabeça (ao fazer a referência ao filme ‘Alice no País das maravilhas’).

E como dizia Nelson Rodrigues “só os tolos acreditam em coincidência”, o delegado Mário parecia ter desvendado o crime ocorrido com Maria Eduarda.

Ansioso para contar para Maria, Mário passou a ir diuturnamente no cemitério à sua procura e depois de questionar alguns funcionários locais, constatou que ela nunca trabalhara ali.

Algumas semanas se passaram e, em seu plantão, o delegado Mário recebeu a visita de seu amigo André, o rapaz que trabalhava no IML.

André trazia consigo uma carta escrita por Márcio, o médico legista, com os dizeres: “Querido delegado Mário. Foi um imenso prazer

conhecê-lo e ver seu esforço para tentar solucionar o crime. Nossas conversas diárias no cemitério acalmaram minha alma cheia de vingança. Guarde o patuá que te dei, pois servirá não só de proteção, mas também para você se lembrar da importância da dedicação em qualquer caso. Decidi aceitar a ajuda de amigos evoluídos. Fique em paz. Maria Eduarda, ou se preferir, simplesmente Maria”.

A vida é cheia de mistérios. Tudo dependerá de seu olhar para ela.

FIM !!!!